

# Da Linguagem Agostiniana

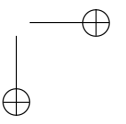
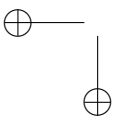
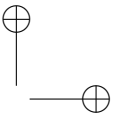
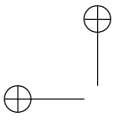
*Em busca do Mestre Interior*

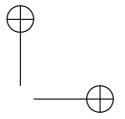
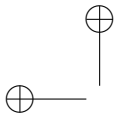


João Tiago Costa Santos

2010

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LusoSofia:press

Covilhã, 2010

FICHA TÉCNICA

Título: *Da Linguagem Agostiniana. Em busca do Mestre Interior*

Autor: João Tiago Costa Santos

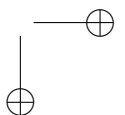
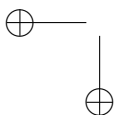
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

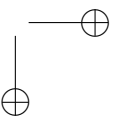
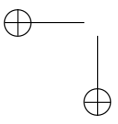
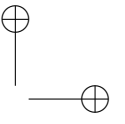
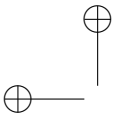
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

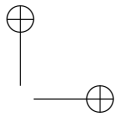
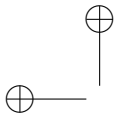
Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2010







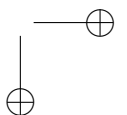
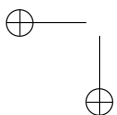
# Da Linguagem Agostiniana

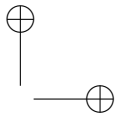
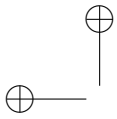
## *Em busca do Mestre Interior*

**João Tiago Costa Santos**

### **Índice**

Introdução	5
O que é a linguagem?	7
Santo Agostinho recorda como aprendeu a falar	9
A ordem da linguagem	11
Linguagem e Conhecimento	11
Compreensão da palavra	12
Discurso e conhecimento de verdade	13
Conhecimento por ostensão	14
Ostensão e Admoção: Mestre Interior e mestre exterior	15
Análise ao diálogo entre Santo Agostinho e seu filho...	16
Quem é o Mestre Interior?	18
Conclusão	20
Bibliografia e Webgrafia	22

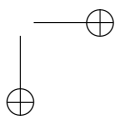
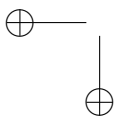


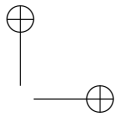
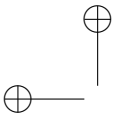


“Deus é a Verdade,  
porque é a suprema existência,  
transparente a si mesma.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Santo Agostinho, *O Livre-arbítrio* (trad. port. António Soares Pinheiro),  
Faculdade de Filosofia, Braga, 1990, p.13.



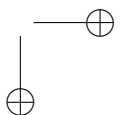
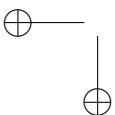


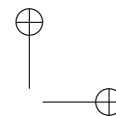
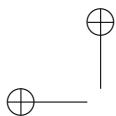
## **Introdução**

Ao longo de toda a grandiosa obra de Santo Agostinho, a sua forma de escrita, a sua retórica e a sua linguagem são exemplares, e é justamente a linguagem Agostiniana que iremos analisar. A obra *O Mestre*, que é um diálogo entre Agostinho e o seu filho Adeodato, consiste na ligação e relação de um mestre e um discípulo, e na relação existente entre ensinar e aprender. Este ensinar será referente ao mestre e o aprender ao discípulo. Neste diálogo, inicialmente é Santo Agostinho quem assume o papel de mestre, e é o seu filho Adeodato quem assume o papel de discípulo, mas isto não quer dizer que Adeodato possua uma retórica ou um pensamento muito distinto do seu pai e mestre, pois Adeodato apesar de tenra idade era dotado de uma inteligência fora do normal. O tema deste diálogo é a linguagem, e tudo o que dela faz parte, pois a linguagem não é só propriamente “linguagem em si”, é um pouco mais que isso. Agostinho vai acabar por explicar de onde vêm a linguagem, de onde saem as suas palavras e o que ordena o seu pensamento dando sentido à sua linguagem.

Mas afinal o que é a linguagem? Sabe-se que o ser humano é o único animal que fala, e isso é também à partida um factor de distinção imediato entre o ser humano e os outros animais. De acordo com os mitos e religiões de muitos povos, o que constitui a fonte de vida humana e do poder é a linguagem.

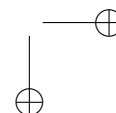
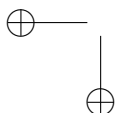
Sabe-se também que, a linguagem é fundamental e indispensável ao quotidiano do ser humano, pois a linguagem é o instrumento directo que o ser humano tem à sua disposição no imediato para conseguir comunicar, e se conseguir exprimir. A linguagem humana teve desde sempre um papel importante no mundo. Na filosofia da antiguidade o papel da linguagem também não foi esquecido, pois os filósofos antigos mais propriamente os sofistas, utilizavam a linguagem como forma de sobrevivência, manipulando com ela todo o espaço publico. Existem vários tipos de

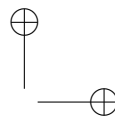
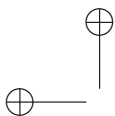




linguagem, mas os mais utilizados e mais conhecidos são, a linguagem verbal, a linguagem não verbal, a linguagem gestual, e a linguagem mista. Sabendo que a linguagem verbal inclui a linguagem oral e a linguagem escrita, pois tanto numa como na outra o que funciona como comunicação é a palavra, e se escrevermos ou soletrarmos uma determinada palavra, o seu impacto vai ser o mesmo ao ler ou ao ouvir essa palavra. A linguagem não verbal que consiste em símbolos, imagens, e até sons, sons esses que, mesmo não referindo uma palavra nós percebemos o que eles querem dizer, como por exemplo a luz vermelha de um semáforo que nos diz para pararmos, ou outro qualquer sinal de trânsito, ou mesmo o sinal de proibição de fumar, entre muitos outros. A linguagem gestual é a mais utilizada por surdos e mudos, que ainda assim, necessitam de comunicar e de se expressar como todos os outros humanos, e esta é processada através de gestos com as mãos, os lábios e a face, e é captada visualmente. E a linguagem mista, que no fundo é a linguagem que a maioria dos humanos utiliza, mesmo que não se dêem conta. Esta linguagem é constituída pela oral e gestual em simultâneo, ou seja, um ser humano que esteja a falar, e ao mesmo tempo faça gestos com as mãos, ou até mesmo com a face, está a praticar o tipo de linguagem mista.

Vejam então, de forma sucinta como na verdade se define linguagem, ou seja, o que é na verdade a linguagem, e o que é que Santo Agostinho tem para nos dizer acerca dela, pois Santo Agostinho era dotado de uma retórica excelente. Agostinho incide no diálogo *O Mestre* sobre o tema da linguagem verbal, explicando o longo processo que a fala sofre até que finalmente é soletrada pelo humano. Agostinho procura explicar uma essência mais profunda da linguagem, explicando os vários processos que esta sofre, e dando um Mestre interior como origem da mesma.





## O que é a linguagem?

Para iniciarmos este estudo acerca da linguagem, convêm primeiro que saibamos o seu verdadeiro significado, daí que necessitemos de saber o que é efectivamente a linguagem.

Por definição:

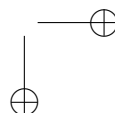
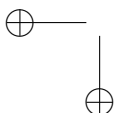
«Linguagem é qualquer e todo o sistema de signos que serve de meio de comunicação de ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc., podendo ser percebida pelos diversos órgãos dos sentidos, o que leva a distinguirem-se várias espécies de linguagem, tais como visual, auditiva, táctil, etc., ou ainda outras mais complexas, constituídas ao mesmo tempo de elementos diversos. Os elementos constitutivos da linguagem são gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras, usados para representar conceitos de comunicação, ideias, significados e pensamentos. Embora os animais também se comuniquem, a linguagem propriamente dita pertence apenas ao Homem.»<sup>2</sup>

Assim, sabemos que a linguagem é a forma de comunicação e de transmissão de sentimentos, actos, pensamentos, ideias, etc. que o ser humano utiliza. É a mais simples e a mais perceptível, e apesar de sabermos que os animais também se comunicam entre si, esta linguagem não se aplica para os mesmos, esta linguagem pertence unicamente ao ser humano. A linguagem assegura ao ser humano uma compreensão mútua. É também um suporte para o pensamento, pois o pensamento assimila primeiro as palavras e só depois os próprios objectos. É a forma de expressão e de comunicação mais simples, mais utilizada, e mais apreciada. Sabemos também que todo o ser humano aprende a falar antes de aprender a ler, é a leitura que se acrescenta à fala e não o contrário.

Um aspecto importante de referir é que, não devemos confundir língua com linguagem, uma vez que a linguagem refere-se à ca-

---

<sup>2</sup> A.A., “Linguagem” (in <http://pt.wikipedia.org/wiki/Linguagem>, cons. em 23-12-2009).



pacidade de comunicar, enquanto que língua refere-se ao idioma, à gramática de um determinado povo, país, nação, etc. então, definitivamente o que é a língua? «Uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fónica – os monemas; esta expressão fónica articula-se por sua vez em unidades distintivas e sucessivas – os fonemas – , de numero fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua.»<sup>3</sup> Língua é assim um instrumento de comunicação de manifestação vocal, e articulado. Ao traduzirmos uma língua sabemos a partida que linguisticamente todas as palavras podem diferir do seu significado inicial. Como nos diz André Martinet, «nada há de propriamente linguístico que não possa diferir de língua para língua.»<sup>4</sup> Logo, sabemos desde já que, qualquer tradução de algo estará sempre um tanto arbitrária, um tanto alterada livremente pelo tradutor. Um outro problema que pode ocorrer na tradução e que não responsabiliza o tradutor é o problema verbal. A passagem de certos verbos do indicativo para o conjuntivo e vice-versa quando se traduz de língua para língua é uma coisa que acontece normalmente, mas o problema vêm da própria língua, e da utilização dos verbos. Ainda assim, é um grave problema para o leitor, porque em certos casos pode alterar por completo o sentido de uma frase.

Para que um ser humano possa adquirir e utilizar uma língua, um idioma, precisa necessariamente da linguagem. A linguagem é a condição necessária à língua, e não o contrário.

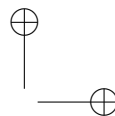
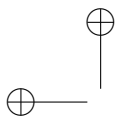
<sup>3</sup> André Martinet, *Elementos de Linguística Geral*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1991, p. 24.

<sup>4</sup> *Idem*, p.25.

## **Santo Agostinho recorda como aprendeu a falar**

Acerca da Linguagem, mais precisamente no tema da fala, Santo Agostinho recordava-se perfeitamente, na altura em que escrevia talvez a sua mais admirável obra, na altura que escrevia as *Confissões*, ele refere que deu conta de já não ser criança, mas de ser um menino e já saber falar. Naquela altura a infância ia até aos sete anos, o que vinha a seguir à infância era a puerícia [pueritia], que ia até aos catorze anos, e depois ainda vinha a adolescência que ia até aos vinte e oito anos, só passados vinte e oito anos eram considerados adultos. As palavras de Santo agostinho foram bem claras. «Com efeito, eu já não era a criança que não sabia falar, mas um menino que falava. E lembro-me disto, dando-me conta mais tarde de como aprendera a falar. Não eram as pessoas mais velhas que me ensinavam, facultando-me as palavras pela ordem formal daquilo que me ensinavam, como sucedeu pouco depois com as letras, mas eu próprio, com a mente que me deste, meu Deus, com gemidos e vários sons e vários gestos, queria exprimir os sentimentos do meu coração, para que obedecessem à minha vontade, e não conseguia manifestar tudo aquilo que queria nem com os meios que queria. Fixava na memória quando eles nomeavam um objecto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direcção a alguma coisa, eu via e registava que designavam essa coisa com o som que proferiam quando queriam mostra-la.»<sup>5</sup> Santo Agostinho recordava-se já em miúdo de como começou a falar, e refere que não foi com os mais velhos a ensinar-lhe as palavras e o seu significado, ou o objecto que elas identificavam, mas sim ele sozinho aprendera, com os gestos, reacções e movimentos dos que o rodeavam, e falando e percebendo as reacções que os mais velhos tomavam em audição do que ele tinha dito. Ele foi também memorizando os sons que emitiam os que o rodeavam e o seu significado,

<sup>5</sup> Santo Agostinho, *Confissões*, Imprensa nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2004, p. 23.

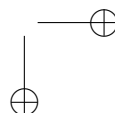
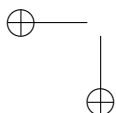


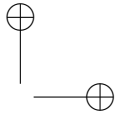
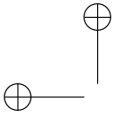
após compreender que esse era o caminho a seguir para conseguir aprender a expressar-se perante os que o rodeavam, e assim, pouco a pouco, foi aprendendo a falar. A principal razão apontada por Agostinho para ter aprendido a falar sozinho e se recordar desse acontecimento era o desejo de algo, e a incapacidade de transmitir esse desejo aos outros, aos que o rodeavam, talvez aos seus pais. Santo Agostinho refere que só conseguiu aprender a falar graças à mente que, por Deus lhe fora concedida. Essa mente que por Deus lhe fora concedida estava no centro de tudo. Era a mente que assimilava os sons, e os tornava em conhecimento, e era a mente que os utilizava após serem conhecimento, e foi com a mente que Agostinho começou a falar. Com certeza que não foi só Santo Agostinho que aprendeu a falar desta maneira. Possivelmente todos nós aprendemos a falar assim.

Inesperadamente descobri também que Santo Agostinho não gostava dos estudos, não gostava de estudar, só queria brincadeira, e começou a suplicar a Deus para que não lhe batessem na escola, e confessa que por vezes não era atendido, mas que poderia ser isso para seu bem. Por coincidência ou não, Santo Agostinho vai ser professor de retórica, professor da arte de bem falar. «Com efeito, ainda menino, comecei a implorar-te, meu auxílio e meu refúgio, e, na tua invocação, dava largas à minha língua e, pequeno mas não com pequena devoção, implorava-te não ser açoitado na escola. E quando me não atendias, o que não era para minha estupidez, os mais velhos, e até os meus próprios pais, que nada de mal queriam que acontecesse, riam-se dos açoites que eu levava, meu grande e grave mal nesse tempo.»<sup>6</sup> Agostinho percebia aqui o quanto tinha errado em não querer saber dos estudos e só querer saber da brincadeira. Tinha feito mal, mas felizmente tinha-se emendado a tempo, e viria a praticar uma linguagem invejável.

---

<sup>6</sup> Idem, p. 25.



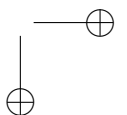
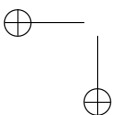


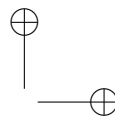
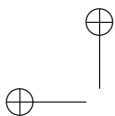
## **A ordem da linguagem**

Ao longo do diálogo entre Santo Agostinho e o Seu filho Adeodato, destacam-se logo duas regras importantes de linguagem, a regra da nominação e a regra da comunicação. Tais regras possibilitam a determinação da relação de valor existente entre as palavras e as coisas. A regra da nominação determina-nos, em função do pensamento e da conversação, o interesse pelas coisas, o quanto elas nos interessam ou não, enquanto a regra da comunicação valoriza as coisas mais que valoriza as palavras, ou seja, é mais importante algo do que a palavra que significa isso, o objecto em si tem mais valor que a palavra que o identifica. Contudo, existem sempre contra-exemplos que nos possam levar a crer o contrário.

## **Linguagem e Conhecimento**

A linguagem é baseada em conhecimento. Nós só falamos ou escrevemos com sentido se conhecermos minimamente o que estamos a falar ou escrever, caso contrário não fará sentido escrevermos ou falarmos. Assim sendo, o que será que tem mais valor, a linguagem ou o pensamento? A palavra em si ou o conceito da coisa, do objecto? Se a linguagem que transmitimos para o exterior tem origem numa linguagem interior, algo que comanda o que vamos dizer, algo que comanda a nossa fala, então a isso Santo Agostinho chama de Verbo interior. É talvez o conhecimento e o pensamento que fazem isso, e é ao conhecimento e ao pensamento que Agostinho chama de Verbo interior, mas talvez Agostinho tenha outra definição para esse Verbo interior. Talvez esse Verbo interior não seja simplesmente o conhecimento e o pensamento. Talvez seja muito mais que isso. Entretanto podemos

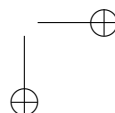
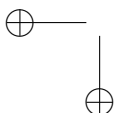


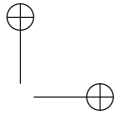
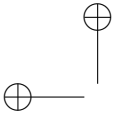


considerar o conhecimento como o princípio, como a origem da linguagem.

### Compreensão da palavra

O conhecimento do estatuto significante da palavra e o conhecimento da realidade significada da palavra condicionam a eficácia comunicativa da mesma, porque desconhecendo ambos a palavra não tem sentido, é apenas ruído. No entanto existem palavras que conhecemos mais facilmente como sinais do que com o próprio significado, e isso deve-se ao facto do conhecimento da realidade significada ser condicionante do conhecimento da palavra como sinal. Confrontamo-nos assim com uma situação de duplo conhecimento na recepção da palavra. Existe ainda um outro tipo de conhecimento, e este condiciona o conhecimento incompleto do sinal. Ora este conhecimento segundo Santo Agostinho é definido como o conhecimento do valor incondicionado do saber e do valor útil das palavras ao serviço do ser humano. Este tipo de conhecimento não é de origem sensível, mas sim de origem inteligível. É aqui que se nota a “aparição” do Mestre interior, mestre esse que iremos tentar compreender mais a frente. O sentido de conhecimento como condição de linguagem não se refere só à palavra oral, mas também à escrita. Na linguagem gestual também se verifica essa semelhança, pois temos presente um exemplo em *O Mestre*, em que apontar com o dedo para a cabeça ou dizer a palavra cabeça são de ostensão equivalente. Sente-se então a necessidade de conhecimento como condição da linguagem. Isso faz-se sentir em várias variantes da linguagem significante, e é razão para se ter como certo filosoficamente que o conhecimento é condição da lin-

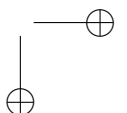
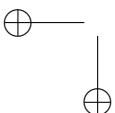


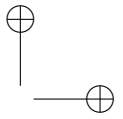
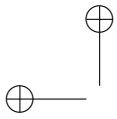


guagem, ou seja, o conhecimento é fundamental para a compreensão da palavra.

### **Discurso e conhecimento de verdade**

É com as palavras que dizemos tudo aquilo que nos vêm a cabeça, mas também é com elas que podemos dizer a verdade, tendo esta que ser dita através de uma composição de palavras. Uma frase pode ser verdadeira tanto esteja a afirmar como a negar um facto ou um juízo. Segundo *O Mestre* qualquer conjunto de palavras que expressem uma verdade designam-se de discurso. A verdade ou a certeza não são único efeito psicológico de verdade que se encontra no discurso, a certeza requer um conhecimento previamente adquirido. Se não houver conhecimento previamente adquirido, o discurso pode resultar em três resultados que serão a fé, a dúvida ou a opinião. A opinião não acrescenta nada ao conhecimento, pelo contrário, retira conhecimento em relação à dúvida e à fé. A dúvida revela virtudes cognitivas que nunca deixaram de ser enorme motivo de reflexão filosófica, pois se existir dúvida, então existe também uma boa razão para se iniciar ou dar continuidade ao exercício da filosofia. No entanto, acerca da fé sabe-se que, esta não é desprovida da condição do conhecimento. Tanto a certeza, a dúvida como a fé consideram-se possíveis efeitos do discurso, e condicionados pelo conhecimento. Enquanto na certeza há o reconhecimento de conhecimento anterior, na dúvida e na fé existe ignorância anterior também acerca da validade e verdade do discurso. Santo Agostinho rejeita uma fé cega, pois a fé distingue-se da opinião, mais que não seja porque inclui consciência de auto-ignorância, e é esta consciência que constitui algum efeito de dúvida, crença ou descrença que pode fazer com que existam afirma-

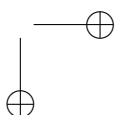
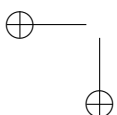


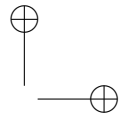
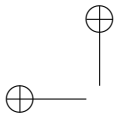


ções um tanto ou quanto estranhas, como por exemplo alguém afirmar ter visto um qualquer animal irracional a conduzir um veículo automóvel numa auto-estrada. Esta afirmação, com toda a certeza promove a existência da dúvida. Uma afirmação destas provocará a descrença. Logo é certo que na maioria dos casos semelhantes ignoramos aquilo que não vemos, mas que alguém nos possa ter afirmado. Em suma, nem a dúvida, nem a fé, nem mesmo a certeza, nenhuma delas constitui aquisição de conhecimento por verdade. Assim como as palavras não causam o conhecimento da verdade. O conhecimento revela-se uma condição e não um efeito da palavra do discurso.

### **Conhecimento por ostensão**

A natureza ostensiva da palavra e do discurso é, segundo Santo Agostinho o fundamento da impossibilidade do conhecimento por efeito da linguagem. A linguagem não é ostensiva através da sua função significante. A necessidade de ostensão faz-se exigir desde cedo no discurso entre Santo Agostinho e o seu filho, orientando então as análises sobre a linguagem. Entre alguns aspectos importantes no tema em questão, destacam-se também os conhecimentos que não se podem explicar por ostensão sensível. Estes são os que concernem à verdade dos juízos de valor mais universais e também das proposições necessárias das ciências exactas. Segundo Santo Agostinho, o conhecimento destas verdades é um conhecimento unicamente inteligível. Para Santo Agostinho tanto o conhecimento sensível como o conhecimento inteligível procedem de ostensão. Trata-se de uma ostensão inteligível consignada no Mestre interior. É um domínio real, de uma realidade meramente inteligível ou interiormente ostensível, ao qual pertence o

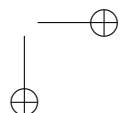
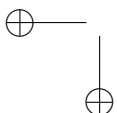


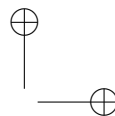
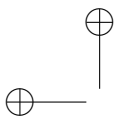


que acima foi mencionado, entre outros aspectos de equivalente importância. Em suma, o observador que podemos considerar adequado para tal conhecimento é então o homem interior, provido de inteligência e racionalidade, faculdades adequadas para a contemplação do mundo inteligível e para a consulta da verdade interior. Esta verdade interior Agostinho caracteriza de Mestre interior, que com uma análise calma e precisa se verifica que este Mestre interior é Cristo. Então, pode-se comparar esta relação à relação existente entre Deus e a natureza, pois asseguram a ostensão exterior do mundo sensível, também Cristo, ou o Mestre interior asseguram a ostensão do mundo inteligível. O Mestre para Agostinho é designado como a verdade. E esta verdade é origem da luz interior, luz esta que permite ao homem racional apreender as coisas inteligíveis, as verdades necessárias. A ostensão é então a luz interior.

### **Ostensão e Admonição: Mestre Interior e mestre exterior**

Segundo Maria Leonor Xavier, com base em *A Trindade*, Cristo é mediador entre o mundo eterno e o mundo temporal, mundo superior e mundo inferior. No diálogo em questão Cristo é mediador entre mundo interior e mundo exterior, entre mundo inteligível e mundo sensível. Então, Cristo não é só o Mestre interior como é também o Mestre exterior, e no diálogo em questão Cristo promove a função admonitiva da linguagem significante. Então, verifica-se uma noção Cristológica no Mestre interior, e essa noção permite resgatar a imagem de mestre exterior ou de professor. Em suma, a aprendizagem do aluno ou discípulo não depende só do saber do mestre exterior, mas da luz do Mestre interior, que para Santo

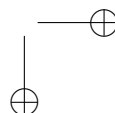
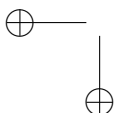




Agostinho acaba por ser a maior fonte de conhecimento. Quem está a aprender também têm que possuir uma certa capacidade de analisar um discurso e julga-lo acerca da verdade ou da falsidade do mesmo, partindo da consciência de verdade, ou, segundo Agostinho, do seu Mestre interior. Neste diálogo, verifica-se uma espécie de exortação à descoberta do interior, à descoberta da interioridade, não tirando importância ao papel da linguagem, mas pelo contrário, dando à linguagem imensa importância no papel do conhecimento. Mas o que mais se reflecte é realmente a presença de um Mestre interior.

### **Análise ao diálogo entre Santo Agostinho e seu filho Adeodato**

É no capítulo VII que Santo Agostinho pede a Adeodato que resuma os assuntos que tinham estado a tratar, e eis então, que Adeodato lhe responde sem a menor dúvida, e com a máxima clareza. Adeodato relembra-se que falaram acerca do motivo porque falamos, relembra que chegaram à conclusão de que, quando o ser humano está a praticar a fala, ou está a ensinar ou a rememorar, e relembra que tinham também chegado a conclusão de que, quando se faz uma oração a Deus, as palavras servem para que os outros sejam ensinados ou advertidos, ou para nos advertirmos a nós próprios. Relembra também que concluíram que as palavras são apenas sinais, e verificaram também que os gestos acabam por ser também sinais, concluíram ainda que sinal acaba por significar palavra assim como palavra acaba por significar sinal. Relembrou-se também que nome e palavra possuem a mesma extensão, e que efectivamente ao falar deseja-se que a memória fixe algo. Adeodato refere também que distinguiram a diferença entre nome e



ónoma. E relembra ainda que não encontraram nenhum sinal que, apesar de significar outras coisas não se significasse também a si mesmo. Adeodato recorda toda esta conversa, manifestando-se dotado de uma retórica extraordinária para a idade que tinha, e provando que não precisava de um mestre de retórica para possuir a arte de bem falar. Adeodato revela-se até ao capítulo em questão um jovem dotado de uma inteligência extraordinária, coisa que não é de estranhar, pois, tendo Santo Agostinho não só como mestre, mas também como seu pai, é normal que tenha herdado alguns traços de sua inteligência.

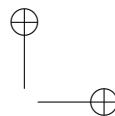
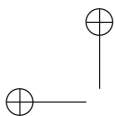
Mas o verdadeiro objectivo de Santo Agostinho neste diálogo com o filho não seria somente uma teoria de educação, o seu mais profundo e verdadeiro objectivo seria realmente uma verdadeira exortação a um Mestre Interior.

É no capítulo XIV que após uma exposição acerca do Mestre, Agostinho faz uma interrogação ao seu filho, interrogação esta que, por si só dá a entender o que ele queria que lhe fosse respondido. As palavras de Santo Agostinho foram bem claras como iremos ver. «Quereria agora me dissesse o que pensas de toda esta minha exposição. Se sabes que são verdadeiras as coisas que se disseram, também terias dito que as sabias, se fosses interrogado sobre cada afirmação particular. Vês portanto de quem as aprendeste; de mim, realmente não, a quem responderias tudo isso, se to perguntasse. No caso de não saberes e são verdadeiras, então nem eu nem Ele te ensinou; mas eu, porque nunca posso ensinar; Ele, porque tu ainda as não podes aprender.»<sup>7</sup>

A isto, Adeodato responde com certeza, e de forma clara também. As palavras de Adeodato foram claras e conclusivas. E, sendo incapaz da minha parte explicar melhor, citarei a resposta do filho de Santo Agostinho. «Quanto a mim, advertido pelas tuas palavras, não é mais que incitado a aprender, e que é de muito pouco valor o

---

<sup>7</sup> Maria Leonor Xavier, *O Mestre de Santo Agostinho*, Porto Editora, Porto, 1995, p.98.



facto de que grande parte do pensamento de quem fala se manifesta pela locução. Se realmente se dizem coisas verdadeiras, só ensina Aquele que, quando nos falavam de fora, nos advertiu de que Ele habitava no interior. Eu O amarei desde agora tanto mais ardentemente quanto mais estiver adiantado em aprender. Entretanto, estou muito grato por esta tua exposição, em que usaste seguidamente da palavra, sobretudo por ela ter prevenido e resolvido tudo o que eu estava a objectar. Além disso, não foi por ti deixado de parte absolutamente nada do que me causava dúvida, e acerca do qual esse oráculo secreto não me respondesse, segundo o que era afirmado pelas tuas palavras.»<sup>8</sup>

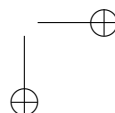
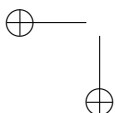
Ora, é claro nas palavras do filho de Santo Agostinho que existe uma verdade interior, um Mestre interior que é como que um autor de tudo o que proferimos.

### Quem é o Mestre Interior?

Em suma, o homem interior, ou Mestre interior é uma espécie de metáfora que santo Agostinho utiliza para colocar Deus em foco no tema da linguagem. O Mestre interior funcionará como mediador entre o homem e Deus no que diz respeito à fala, é para Santo Agostinho o centro da linguagem humana, existindo a necessidade de uma ligação entre o humano e o divino Deus. Dai que Santo Agostinho tenha considerado Cristo como o mediador necessário, e é nas confissões que ele se manifesta com clareza em relação a Jesus Cristo mediador, entre Deus e o homem, vejamos, «Mas o verdadeiro mediador que, pela tua secreta misericórdia, revelaste aos humildes e enviaste, para que, com o seu exemplo, apren-

---

<sup>8</sup> *Idem*, pp.98.99.



dessem também a mesma humildade, ele, mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, ...».<sup>9</sup>

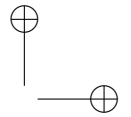
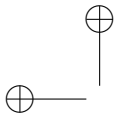
Então, concluo assim que para Santo Agostinho, Deus é o verdadeiro Mestre interior, que se fez manifestar na terra por Jesus Cristo, e se faz manifestar na linguagem por intermédio de um mediador, de um homem interior. Deus é o Verbo divino, e por ele são com sabedoria, e sempre eternamente ditas todas as coisas, e Agostinho revela isso naquela que é talvez a sua mais grandiosa obra, *Confissões*. Vejamos a forma profunda como Santo Agostinho afirma ser o Verbo, Deus autor de todas as palavras proferidas pelo humano. «Assim nos chamas, pois, a compreender o Verbo, Deus junto de ti que és Deus, o qual sapientemente é dito e no qual sapientemente são ditas todas as coisas.»<sup>10</sup> O Verbo divino, Deus é a verdade absoluta, e causa de toda a linguagem proferida pelo homem, pois age como já sabemos por intermédio de um homem interior. Veremos em Maria Leonor Xavier a análise sucinta do Verbo como verdade, «O verbo mental não pode mentir, mas o discurso verbal exterior pode fazê-lo».<sup>11</sup> Com isto, Agostinho afirma com clareza que o Verbo mental, ou seja, o homem interior por intermédio de Deus não mente, mas as palavras que o ser humano proferir para o exterior podem não ser verdadeiras.

Santo Agostinho vai ao encontro de uma espécie de origem da linguagem, de uma espécie de ontologia da linguagem, estudando-a, e procurando conhecer o seu início, a sua mais profunda raiz. Com o diálogo entre Agostinho e Adeodato, tenta-se esclarecer um pouco a origem da fala humana, e ao concluir que esta provém de Deus, do Verbo, uma vez provinda de Deus, é por consequência verdade absoluta. O Mestre a que Agostinho se refere não é

<sup>9</sup> Santo Agostinho; *Confissões*, p. 535.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 557.

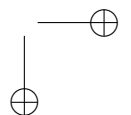
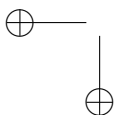
<sup>11</sup> Maria Leonor Xavier, “A Confissão verbal à luz da Filosofia da Linguagem de Santo Agostinho”, in *Actas do Congresso Internacional As confissões de Santo Agostinho: 1600 anos depois...*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2002, p. 625.

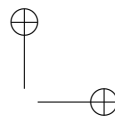
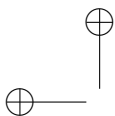


o mestre que ensina ou que transmite o saber, não é um mestre exterior. Santo Agostinho refere-se ao Mestre interior, que passa em Jesus Cristo como uma espécie de mediador, designando-se de homem interior, mas que no fundo é Deus, o Verbo divino, a Verdade absoluta. Em suma, Agostinho tenta explicar que as palavras de verdade por Deus nos são intuídas na mente.

### Conclusão

O que inicialmente parecia ser um diálogo entre um locutor e um interlocutor, entre um mestre e um discípulo acaba por ser uma exortação à existência indiscutível da mão de Deus no campo da linguagem humana. Nem Agostinho assume um papel de mestre, nem Adeodato um papel de discípulo, pois, tanto um como outro possuem neste diálogo um papel indispensável para que se consiga provar a existência de um Mestre interior na origem da linguagem humana. Agostinho prova ainda que o conhecimento nunca depende de um mestre exterior, mas sim da forma como são assimiladas as palavras que o discípulo ouve, pois, para ele aprender não é nada mais que lembrar, e explica também a relação existente entre pensamento e palavra. Agostinho esclarece ainda a distinção entre o interior e o exterior. Sabendo desde início o verdadeiro significado de linguagem, e a sua enorme importância, Agostinho define a linguagem como um instrumento, conseguindo assim provar que a mesma não é independente, mas que depende de algo. Então posto isto coloca um homem interior como mediador entre a fala humana e Deus, esse mediador é Cristo, que é também declarado por Agostinho numa relação exterior como mediador entre Deus e o humano. É a questão da existência de um Mestre interior no campo da linguagem que Agostinho tem em mente desde o início

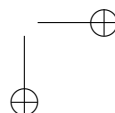
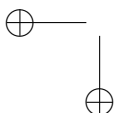


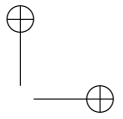
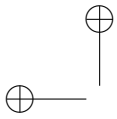


do diálogo em questão. Após uma análise do diálogo entre Santo Agostinho e o seu filho Adeodato, efectivamente podemos afirmar que a verdadeira origem da linguagem provem de um Mestre interior da verdade absoluta, e esse Mestre é Deus, dono e senhor de toda a existência da linguagem que se manifesta no homem por meio de um homem interior, que funciona como mediador. Em suma, Agostinho provou que sempre que se entra no campo da linguagem, entra-se no horizonte de Deus, no Verbo divino, no horizonte da verdade. Importante será referir, que concluo também que, se Agostinho prova a existência de um Mestre interior no campo da linguagem, e afirma que esse mestre é Deus, parte do principio desde logo que Deus existe, e então dou o diálogo *O Mestre* não só como uma exortação a Deus no campo da linguagem, como também mais uma tentativa de provar a existência de Deus.

Santo Agostinho foi professor, bispo, teólogo, padre e filósofo, apesar de uma juventude ligada ao maniqueísmo acaba por se converter por completo ao cristianismo, onde veio a ser consagrado santo. Actualmente para a igreja católica o dia de Santo Agostinho é o dia 28 de Agosto. Possui uma obra muito extensa e valiosa, e até em seu nome e em nome da sua obra existe uma biblioteca Agostiniana. O seu pensamento é fundamental para o cristianismo, provando a existência de Deus essencialmente com base no coração, como se verifica naquela que, é sem dúvida a sua melhor obra, *Confissões*, mas prova também a existência de Deus pela via do método racional como se pode verificar no segundo livro de *O Livre-arbitrio*. Quanto ao seu contributo acerca do tema da linguagem, este é de carácter importantíssimo na actualidade, assim como a sua filosofia indispensável ao estudo do pensamento medieval. Santo Agostinho será recordado e louvado para todo o sempre, não só na igreja católica, como também na filosofia, e no mundo em geral.

Actualmente, o papel da linguagem humana no mundo em geral





está em decadência. A linguagem humana está a cair num fosso terrível e cada vez mais temível, pois a internet, os chats, as mensagens escritas [SMS] as mensagens multimédia [MMS], e também até certo ponto a comunicação social, estão a embutir no nosso quotidiano formas de escrever e de falar tão pouco correctas que, penso que serão os filósofos e os poetas os únicos a poderem contribuir para a ressurreição do verdadeiro valor da linguagem.

### **Bibliografia e Webgrafia**

AAVV; *As confissões de Santo Agostinho*; Universidade Católica Editora; Lisboa; 2002

AAVV; *Logos*; enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia; volume 1; cls. 90-98; editorial verbo; Lisboa/São Paulo; 1997;

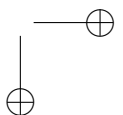
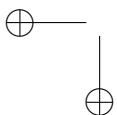
MARTINET, André; *Elementos de Linguística Geral*; Livraria Sá da Costa Editora; Lisboa; 1991

RICOEUR, Paul; *Do texto a acção*; tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando; Res; Porto; s.d.

SANTO Agostinho; *Confissões*; Imprensa nacional Casa da Moeda; Lisboa; 2ª edição; 2004

SANTO Agostinho; *Diálogo sobre a felicidade*; Edição bilingue; Edições 70; tradução de Mário Carvalho; Lisboa; s/e; 2000

SANTO Agostinho; *O Livre-arbítrio*; tradução do Professor António Soares Pinheiro; Faculdade de Filosofia; Braga; 2ª Edição; 1990



SOUZA, José António de Camargo Rodrigues; *Idade Média: tempo do mundo, tempo dos homens, tempo de Deus*; EST Edições; Porto Alegre; 1ª edição; 2006

VYGOTSKY, Lev Semenovitch ; *Pensamento e linguagem*; tradução Jefferson Luiz Camargo; Martins Fontes Editora; 3ª edição; São Paulo; 1991

XAVIER, Maria Leonor; *O Mestre, de Santo Agostinho*; Porto Editora; Porto; 1995

<http://conteudodasprovas.wordpress.com/tipos-de-linguagem/>  
(29-12-09)

<http://pt.shvoong.com/humanities/linguistics/497379-linguagem/>  
(29-12-09)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Língua\\_Gestual\\_Portuguesa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Língua_Gestual_Portuguesa)  
(26-12-09)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Linguagem> (23-12-09)

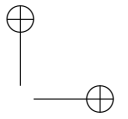
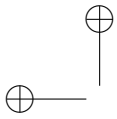
[http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v7n1/H\\_ormezinda2.pdf](http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v7n1/H_ormezinda2.pdf)  
(30-12-09)

[http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica\\_pedagogia/ebook\\_hist\\_idpedag/Cap%2013%20Santo%20Agostinho.pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/ebook_hist_idpedag/Cap%2013%20Santo%20Agostinho.pdf)  
(18-01-10)

<http://www.forumromanum.org/literature/augustinusx.html>  
(20-01-10)

[http://www.ibb.unesp.br/departamentos/Educacao/depto\\_home/Alfredo/documentos/Evolucao\\_e\\_Linguagem\\_Pereira.pdf](http://www.ibb.unesp.br/departamentos/Educacao/depto_home/Alfredo/documentos/Evolucao_e_Linguagem_Pereira.pdf)  
(30-12-09)

[http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st13/Oliveira,%20Terezi  
nha.pdf](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st13/Oliveira,%20Terezi%20nha.pdf) (07-01-10)



[http://www.adelinotorres.com/filosofia/CARLOS%20SACRAMENTO\\_Um%20problema%20de%20linguagem%20em%20S%20Agostinho%20e%20S%20Anselmo.pdf](http://www.adelinotorres.com/filosofia/CARLOS%20SACRAMENTO_Um%20problema%20de%20linguagem%20em%20S%20Agostinho%20e%20S%20Anselmo.pdf)  
(16-01-10)

[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=6854@1](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=6854@1) (21-01-10)

[http://criticanarede.com/hist\\_agostinho.html](http://criticanarede.com/hist_agostinho.html) (21-01-10)

